

Sobre a Degradação Cultural das Sociedades de Massa.

Ottaviano de Fiore

Há mais de meio século, um famoso médico e político alemão, perseguido em seu país, teve de refugiar-se no Brasil. Desempregado, comendo o amargo pão do exílio, escreveu algumas cartas interessantes¹ sobre a *miséria cultural* das sociedades modernas. A sociedade industrial, afirmava ele, desenvolveu "proletários de colarinho que possuem a formação de quem mal sabe ler e escrever e que, na forma de servos de mesas de escritórios e funcionários inferiores, foram criados em escala industrial pela sociedade industrial". Matéria prima perfeita, concluía, para o trabalho de nivelamento cultural realizado pelos meios de massa que embotam a capacidade intelectual e cujas maiores vítimas são os jovens, muito mais indefesos e corruptíveis do que os trabalhadores.

Essas podem parecer afirmações de um autor da Escola de Frankfurt ou de algum contraculturalista radical. São, entretanto, de Menghele, o famosíssimo médico de Aushwitz, autor de cruéis experiências pseudo-científicas com prisioneiros. Trata-se de fato de chavões da subliteratura catastrofista que, desde o movimento de reação à Revolução Francesa, alimentam o niilismo ocidental.

O pessimismo cultural despreza a civilização de massa, a técnica, a produção industrial, o individualismo, o racionalismo, o comércio, o materialismo. Despreza, especialmente, o hedonismo que ele associa com degradação moral. Preza, pelo contrário, o sagrado, o nobre, o tradicional, o heróico, o comunitário e, em especial, a transcendência e o ascetismo – que ele associa com superioridade moral.

Opiniões que não são de estranhar já que o moderno pessimismo cultural nasceu no final do século XVIII como um movimento anti-igualitário e aristocratizante, uma reação dos estamentos senhorial e sacerdotal contra a revolução burguesa e contra a ascensão social dos 'de baixo'. Não é à toa que a maioria dos pessimistas culturais assume atitudes de superioridade enfastiada ou ofendida. Eles sempre se imaginam olhando para a patuléia do alpendre da Casa Grande.

¹ Descobertas por duas jornalistas da sucursal da Folha em Brasília, Andréa Michael e Ana Flor

De fato, Menghele e os pessimistas culturais têm certa razão quando afirmam que a mídia patrocina a festa hedonista e, na maioria das vezes brega, da sociedade de massas. O que eles ignoram é que a mídia é também a grande divulgadora do catastrofismo cultural. Enquanto nos cadernos de turismo, moda e estilo de vida, as sugestões de felicidade material andam cada vez mais apetitosas, as mulheres cada vez mais atrevidas e os agitos cada vez mais coloridos, nos cadernos culturais as profecias pessimistas continuam sendo um metro de sofisticação.

A questão de fundo é: afinal, a cultura do povo nas sociedades modernas é mesmo *pior* do que nas sociedades tradicionais que as precederam? Não é possível gostar ao mesmo tempo de Jessie Norman cantando Wagner e de Janis Joplin cantando Gershwin? De ‘Cosí fan Tutte’ de Mozart e de ‘Cantando na Chuva’ de Minelli? Das canções sentimentais de Vinícius e da música eletrônica de Berio?

O pessimista cultural poderá contra-argumentar que Janis e Vinícius são raridades. A norma é Madonna e Britney Spears. É verdade. Só que Vivaldi e Bério também são exceções. A maioria da produção de música erudita barroca e eletrônica é tão esquecível e rotineira quanto a maioria da música popular. Além disso, como notou certa vez Camille Paglia, apesar de Madonna não ser nenhum gênio musical, ela tem um aspecto libertário que as feministas demoraram perceber, paralisadas que estavam pelos mitos semi verdadeiros e semi demagógicos da ‘pornografia’ e da ‘mulher objeto’.

Para esclarecer melhor o assunto, consideremos a história da Revolução Sexual comparando os resultados obtidos por Playboy com aqueles obtidos pelas revoluções socialistas. Em matéria de sexo, os socialistas revolucionários sempre foram tão profundamente conservadores quanto os fascistas e a direita religiosa. Ser homossexual em países comunistas significa cadeia, torturas e ‘reeducação’. Na realidade, os beijos públicos entre Madonna e Britney Spears, divulgados pela mídia e dedicados, exatamente como observa Menghele, ao público jovem, são muito mais revolucionários e humanizantes do que o moralismo cruel dos Stalin, aiatolás, Bush, Goebbels, e dos pedófilos que clamam contra a corrupção dos costumes.

Quanto à Playboy, seria difícil diminuir o papel de seu criador, Heffner, na ampliação da liberdade de que desfrutamos no Ocidente. Hoje Playboy é quase indistinguível das outras revistas de mulher pelada, igualmente razas, monótonas e desinteressantes (exceto, é óbvio, por algumas das próprias

peladas). A revista perdeu completamente o senso de missão que a orientou nos anos sessenta e setenta, quando Heffner publicou sua longa série de artigos intitulada ‘A Filosofia de Playboy’.

Naqueles anos Playboy entrevistava Fidel Castro, Malcom X, a líder feminista Betty Freedom, o psicólogo das drogas Timothy Leary, os fundadores da terapia sexual Masters e Johnson. Entre as fotos das lindas garotas espalhavam-se artigos, notas e caricaturas pela a abolição da pena de morte, pelo fim da guerra do Vietnã, pela descriminalização das drogas, pela liberação do aborto, pela preservação do ambiente, pela eutanásia, pela abolição das legislações racistas e anti-sexo. As vendas explodiram, Heffner comprou um avião enorme e dirigia a revista envergando pijamas de seda e cachimbo numa cama redonda na qual escrevia, paginava e filmava suas performances com namoradas igualmente descoladas. Compare-se sua vida com a de Menghele. Quem foi moralmente melhor?

A sociedade ocidental espantada, enraivecida e divertida, nunca vira uma ofensiva tão radical e tão bem sucedida, provinda de um defensor explícito do prazer de viver, embriagado de sucesso e convencido da retidão de sua causa. Relido depois meio século, percebe-se que ‘A Filosofia de Playboy’ de Heffner pertence à tradição dos grandes publicistas do iluminismo. Diderot e o *Abbè* Reynal teriam sustentado a militância de Playboy, escrevendo para ela contos eróticos e panfletos contra a opressão e os crimes de Estado, assim como Boucher e Fragonard a teriam ilustrado com suas jovens róseas e carnudas. Suas coelhinhas até lembram algumas vulgaridades libertinas e prostibulares de escritores iluministas como Restiff de la Bretonne.

Heffner foi espionado, perseguido e coagido por policiais, promotores, juizes, FBI e pela corruptíssima DEA (a agência federal anti-drogas), que prendeu sua secretária e a levou ao suicídio. Apesar disto, lá pelos anos oitenta, a revolução da qual Playboy fora uma das vanguardas vencera em todas as frentes. Os milhões de jovens que a realizaram (‘produzidos’ como dizia Menghele ‘em escala industrial pela sociedade industrial’) não pretendiam abdicar do direito à felicidade e ao espaço cultural conquistados.

Enquanto isso em Cuba, China, Coréia e URSS continuavam-se aprisionando as minorias sexuais em nome da pureza revolucionária. Poucos anos atrás os governos egípcio e iraniano enforcavam publicamente homossexuais em guindastres.

Assim, a afirmação de Menghele e dos pessimistas culturais de que a mídia é a causa principal de nossa ‘miséria cultural’ é, como mostram os exemplos de Madonna e da finada Playboy, uma bobagem reacionária. (No sentido correto da palavra ‘reacionária’, que significa defensora dos valores da sociedade tradicional, contra os valores da modernidade.) Sem mencionar que é pela indústria cultural que Antônio Cândido, Vila Lobos, Cartola, Vinícius, Florestan Fernandes e Patativa do Açaré são difundidos em escala industrial.

Infelizmente, a sociedade moderna não é apenas o agente destruidor das barbáries tradicionais. Ela também recondiciona velhas iniquidades e institucionaliza as suas próprias. Afinal, há mesmo algo de perverso em modelos de 12 anos sugerindo uma sexualidade que elas mal podem entender. Deixar de perseguir adultos pelas suas tendências sexuais não autoriza institucionalizar a corrupção de crianças. Uma coisa é proteger as prostitutas da agressão dos canalhas e integrar seu ganha pão no trabalho legal, outra é despertar ilusões quanto à prostituição. Há uma derrota da Ciência no patenteamento privado de gens produzidos pela Natureza assim como há uma derrota existencial no endividamento consumista.

Ou seja: a modernidade é tão perigosa, iníqua, vulgar e esplêndida quanto os outros períodos da história humana. Só que as tecno-democracias criadas pela modernidade nos fornecem instrumentos de intervenção que as sociedades tradicionais não sonhariam nos conceder e que as utopias moralistas almejam nos tirar.

Curiosamente, Mengele, um pseudo cientista – ou seja, um monstro típico da modernidade – falava de si mesmo sem percebê-lo. Ele foi, com efeito, um daqueles milhões de semi educados a que se referia em suas cartas. Aqueles intelectuais meia sola que a sociedade industrial produz em escala industrial, prontos para clamar contra a “decadência” e que, na primeira crise séria da economia mundial, tentarão implantar e pilotar um Estado Purificador.

A pureza, palavra tão prostituída pelos profissionais da religião, da política e da sedução, é um estado interior que pode nos dar os melhores momentos da vida. Entretanto – como se sabe desde a pré-história – ela é também a melhor e mais hipócrita máscara para a crueldade.

Post Scriptum.

Tout passe, tout lasse, tout casse. Heffner terminou mantendo um programa de TV no qual, enrugado, cabelos pintados, ainda envergando seu robe de chambre de combate, cercado de jovens piranhas oxigenadas, siliconadas, bronzeadas e infantis, buscava desesperadamente fingir que a festa não acabara. Uma visão deprimente do libertino envelhecido retratado no “Casanova” de Fellini.